



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e  
Crítica Literária da PUC-SP**

**nº 19 - dezembro de 2017**

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2017i19p97-110>

**Listas literárias e suas indicações: a divulgação da literatura brasileira  
no exterior**

**Literary lists and their indications: the dissemination of Brazilian  
literature abroad**

Arnon Tragino\*

**RESUMO**

Umberto Eco (2010), em *A vertigem das listas*, pondera que é possível estudar a literatura por meio de suas listas: o conjunto de autores e obras que atuam como indicadores de leitura para a divulgação daquilo que se tornou um legado social, na medida em que constituíram representações estéticas. Fora do Brasil, a literatura brasileira também depende de divulgações desse tipo, como em *501 grandes escritores*, de Julian Patrick (2009). O artigo investiga como essa obra estabelece uma imagem de literatura brasileira recomendada principalmente aos leitores estrangeiros não especialistas em estudos literários. Assim, primeiro, analisamos o livro sob o prisma de Eco (2010), observando o conjunto formado por autores brasileiros; em seguida, Carpeaux (2012), que pensa a relação entre a história da literatura e o cânone como indicações de leitura; e, por fim, Chartier (2009), para entendermos a apropriação dos objetos culturais pelos leitores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Listas literárias; Indicação de livros e autores; Leitura da literatura brasileira; Literatura brasileira no exterior

**ABSTRACT**

Umberto Eco (2010), in *The Infinity of Lists*, ponders that it is possible to study literature through its lists: the set of authors and works that act as reading indicators for the dissemination of what has become a social legacy, in so far as they have constituted aesthetic representations. Outside Brazil, Brazilian literature also depends on such divulgations, as in *501 Great Writers*, by Julian Patrick (2009). This article investigates how Patrick's work establishes an image of Brazilian literature that is recommended for contact mainly with ordinary foreign readers, not specialists in literary studies. Thus, first, we analyze the book under the prism of Eco (2010), observing the set formed by

---

\* Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) – Vitória – ES – Brasil – [arnon.tragino@hotmail.com](mailto:arnon.tragino@hotmail.com). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES).



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e  
Crítica Literária da PUC-SP**

**nº 19 - dezembro de 2017**

Brazilian authors; then Carpeaux (2012), who considers the relation between the history of literature and the canon as indications of reading; and finally Chartier (2009), to understand the appropriation of cultural objects by readers.

**KEYWORDS:** Literary list; Indication of books and authors; Reading of Brazilian literature; Brazilian literature abroad

## Considerações iniciais

Em correlação com a pesquisa de doutorado em andamento *Listas literárias: uma história das indicações dos livros*, vinculada aos trabalhos do grupo de pesquisa Literatura e Educação da UFES, o presente artigo, escrito a partir da obra *501 grandes escritores*, de Julian Patrick, publicada originalmente em 2008 na Inglaterra, e que teve como proposta a divulgação de muitos autores do mundo todo, articula a análise de três pontos: primeiro, o fenômeno das listas literárias como recomendações de leitura; segundo, a presença do cânone literário como estabelecimento ou objeto do que se recomenda nas listas para os leitores comuns (brasileiros, mas principalmente estrangeiros), alvos da obra de Patrick; e terceiro, a produção e circulação dos livros que são divulgados no mercado e que se fixam como produtos culturais. O trabalho busca entender, especificamente a partir da lista de Patrick (na edição brasileira traduzida pela Sextante, de 2009), como a literatura brasileira se estabelece para tais leitores, como ela é absorvida pelo público-alvo e como o acesso a ela é incentivado – sendo um objeto da cultura dos livros – pela lista.

Mesmo considerando o trabalho dos especialistas nos estudos literários, que estudam amplamente a formação da literatura e como ela pode ser lida, a produção das obras e suas indicações no mercado também influenciam os leitores leigos a escolher livros que representam essa literatura – e, por sua vez, pesquisas sobre essa recepção ainda são pouco comuns na universidade. Assim, neste trabalho, tentamos responder às seguintes perguntas: que literatura brasileira é essa que se recomenda para esses leitores? A cultura dos objetos impressos divulga quais autores e obras dessa literatura para públicos leitores leigos? A relação é complexa, mas explicamos e exemplificamos em seguida cada ponto.

## 1 Percorso teórico

Umberto Eco (2010), em *A vertigem das listas*, investiga a presença de listas na literatura: materiais que se manifestam de modo bastante heterogêneo em diversos veículos, tanto digitais quanto impressos, e que condensam uma forma de recomendar autores, livros e textos diversos. Em sua maioria, as listas são apresentadas por meio de tópicos nos quais estão o título da obra e o nome do autor, mas, em outro aspecto, são

desenvolvidas como reuniões de textos e antologias, que podem possuir pequenas resenhas orientando os leitores ou contendo o próprio texto literário de modo integral.

Ainda não há uma origem clara do ato de se indicar obras de literatura, mas identificamos uma extensa e intensa rede de conexões que compõem as listas e seus princípios de indicação, especialmente no século XXI. Especulando, porém, sobre alguns momentos de ocorrência de listas – e tomando como base a obra de Eco (2010) –, podemos recuperar, numa perspectiva mais longínqua, por exemplo, a *Poética* de Aristóteles, que cita e explica gêneros, obras e autores da época grega; a *Arte Poética* de Horácio, que descreve as formas e os trabalhos literários do mundo romano; as compilações medievais de *Cancioneiros* e *Novelas de Cavalaria*; a constituição da *Bíblia Sagrada* e de outros textos religiosos que foram a base para a editoração no surgimento da imprensa; o invento de Gutenberg, em 1450, que, posteriormente, devido à nova circulação e propagação dos objetos impressos, proporcionou a efetivação da prática de sugerir obras de literatura; o *Index Librorum Prohibitorum*, a lista de livros proibidos pela Igreja, composto em 1559, no período da Inquisição; e as listas que foram sendo remodeladas, nos séculos seguintes, pelos veículos de comunicação (jornais e revistas), o meio acadêmico (a crítica especializada e os estudos literários) e o mercado (as editoras e o comércio dos livros). Enfim, na medida em que as representações de leitura foram se constituindo, as indicações de livros, oralmente e visualmente, tornaram-se mais concretas, até chegarmos em nossa época, com uma vasta pluralidade e multiplicidade de listas: os vestibulares, as antologias, as coleções, as coletâneas, os mais vendidos da semana ou *best-sellers*, os cânones, os clássicos, os eventos e prêmios literários, os catálogos de livrarias e bibliotecas, as indicações de instituições governamentais, os livros eletrônicos e a internet. Algumas obras específicas nesse meio que mais se evidenciam são: *1001 livros para ler antes de morrer*, de Peter Boxall (2010), e os mais recentes *O livro da literatura*, de James Canton (2016), e *Listas extraordinárias*, de Shaun Usher (2016).

Existem, portanto, infindáveis listas nas mais diversas configurações que dizem muito sobre a literatura. Isso porque cada uma é um meio de comunicação, uma troca de experiências de leitura, em que as indicações são feitas para si próprio e para o outro. As seleções, indicações ou escolhas das listas estão sujeitas à personalidade do leitor, com sua experiência estética e seu conhecimento de literatura. Ou podem ainda ser motivadas pelas edições dos livros, pela crítica especializada, pela história literária e pelas disponibilidades de acesso, que regulamentam outros desenhos de listas. Esses

objetos indicam, assim, um conhecimento enciclopédico do que está sendo listado, um recorte temporal de determinada história literária, ou ainda uma cronologia da história dos livros, pela seleção que é feita. A materialidade (o texto impresso), meio pelo qual ocorre a propagação, motiva também o seu valor, mostrando que há listas muito distintas entre si, que possuem importâncias e usos diferentes, com mais ou menos prestígio: a lista dos mais vendidos numa livraria é diferente da lista dos mais vendidos numa banca de jornal, por mais que em ambos os espaços circulem os mesmos materiais (ECO, 2010, p. 15-18).

Eco (2010) também nos auxilia a pensar sobre a atividade de listar, explicando que há a consciência de que uma lista qualquer, ao se formar por proximidades entre os seus mais variados componentes e ao mostrar que existe sempre um agente ou fator para fornecer a seleção e a organização por algum método de listagem, indica um pensamento de categorização, catalogação e ordenação, o que institui uma referência sobre um conjunto, um plano sobre uma figura segmentada por muitos elementos (ECO, 2010, p. 11). Essa ação cria uma imagem única, abrangente, que dá limites ou contornos aos objetos aproximados e mostra, então, que as listas na literatura são compostas por conexões múltiplas, como livros, autores, textos, temáticas, gêneros, finalidades, funções, escolhas pessoais, fundações, difusões, consagrações ou refutações. Há, portanto, parâmetros que estabelecem as escolhas dos livros para serem recomendados à leitura (2010, p. 12).

Em nossa análise de *501 grandes escritores*, é preciso também entender antes como a questão do cânone promove uma divulgação da literatura que está na lista para os leitores comuns, aqueles que consomem literatura sem a preocupação de um especialista. Assim, elencando noções de Otto Maria Carpeaux, em sua coleção *História da literatura ocidental* (2012), o autor descreve, relaciona e relativiza proximidades e disparidades que formaram os períodos e as estéticas na longa trajetória de produções literárias do ocidente, logo, os processos de canonização, de valor, de prestígio, de obras consagradas, de autores recomendados e de gêneros mais usados. Deixando para o epílogo tais explicações, Carpeaux (2012, v. 10, p. 229) aponta que as regras para a recomendação do cânone sofreram abalo com a chegada do Romantismo. Em virtude do surgimento das ciências, foram sendo relativizadas as certezas sobre livros e autores que, em períodos anteriores, eram exemplares para a criação literária. Quando houve a popularização do acesso aos livros, a crítica literária, firmando-se pelo impressionismo alemão e a burguesia francesa, delimitou a história da literatura na relação autor-obra

como parte das condições materiais para a possibilidade de haver literatura (CARPEAUX, 2012, v. 10, p. 230-231). Essas ideias foram refutadas no século XX pela vontade de ramificar os olhares não para a criação literária, mas para o texto, agente de destaque no pensamento norte-americano da época com o *New Criticism* (2012, v. 10, p. 240).

O passo seguinte foi dado pela Estética da Recepção, proposta com a qual Carpeaux (2012) não trabalhou, mas que trouxe novo fôlego à história da literatura ao colocar a versão do leitor sobre os parâmetros do cânone. Porém, mesmo somente com a perspectiva do teórico em questão, podemos relacionar as escolhas que eram feitas na literatura: o refinamento da crítica, que reavaliou as técnicas de escrita no decorrer do acúmulo de estudos, muito contribuiu para dizer qual livro era importante. Esses pontos explicam as eleições que são feitas ao se criar uma lista literária: o atributo de importância crítica para a literatura, que foi muito comum no passado, por exemplo, expõe a constante indicação de certas obras hoje. O que auxilia, também, para entender as razões de se conservar a estima sobre literaturas muito distantes temporalmente dos leitores de nosso tempo, por exemplo, apontando para uma sobreposição de legitimidade de um determinado livro ou autor: a *Ilíada* de Homero ainda é indicada para leitura por conta dos arquétipos exemplares de seu texto que são caros aos leitores e por causa da extensa tradição crítica que perpetuou esses consensos.

No caso da análise de *501 grandes escritores*, a produção dos livros também é outro índice que faz manter para os leitores a literatura como produto cultural condicionado pelas listas. Assim, Roger Chartier, em *A aventura do livro – do leitor ao navegador* (2009), explica as condições pelas quais passou o livro e as figuras que hoje o constituem: o autor, o texto, o leitor, a leitura, a biblioteca e o numérico ou o desejo de universalizar esses elementos. Diante das imagens de revolução posta sobre as formas de produção dos livros, por exemplo, Chartier (2009) comenta que a história já viu esses movimentos outras vezes: o primeiro pensamento é observar a invenção de Gutenberg, em se tratando da agilidade da produção e da maior difusão dos objetos impressos. A cultura de uso do livro na estrutura do códice, invenção anterior à produção industrial, assim, foi mantida, o que caracterizou um aperfeiçoamento do suporte da escrita e sua apropriação pela sociedade da época (a Europa do século XV); isso ocorre porque mesmo o manuscrito, copiado página a página artesanalmente, permaneceu até séculos mais tarde (CHARTIER, 2009, p. 7-9). Reconhecendo esse processo, Chartier afirma, então, que o livro foi elevando sua importância como transmissor de conhecimentos, o

que postergava aos leitores a necessidade de apropriação (2009, p. 17-18). Nesse sentido, o mercado dos livros, de um lado, preservou o objeto impresso pelo histórico de proximidade com o leitor, pois era esperada a sua manipulação e recomendação; e de outro, concedeu ao leitor, a partir das suas experiências de leitura, a escolha do que ler, já que houve a oferta de múltiplos objetos.

Além desse panorama, o autor também aponta que a veiculação da palavra escrita pelos objetos impressos fez repercutir e transformar a leitura literária. Chartier (2009) nos ajuda a entender esse ponto quando vemos a apropriação e a representação dos suportes dos textos que carregam as informações de indicação, ou seja, um livro que sugere a leitura de vários autores cria uma imagem ideal de contato com suas obras, aponta maneiras de se obter um conjunto plural de leituras e exige diversas práticas culturais. Assim, os 501 autores do livro de Patrick (2009), passando pelo filtro das resenhas, informam ao leitor comum a possibilidade de aquisição daquilo preservado pela cultura, ou seja, o livro de literatura. Logo, para formatar um livro que faça referência a um grande número ou a uma infinidade de outros tantos livros, é preciso se valer de um ponto ordenador, de uma organização e de uma seleção que abranja tal quantidade. O modo de se fazer essa listagem e sua constituição finita (a lista) irá figurar, irá representar, irá dizer algo sobre esse conjunto. Em um livro que contém sugestões de outros autores, como é o nosso *corpus*, por exemplo, a operação de fazer pequenas resenhas (de autores e obras) possibilita a amostra de variados elementos da literatura por meio de um único objeto impresso, que exprime o efeito (pela maneira que os textos estão listados) de ser direcionado à leitura, ao contato com o leitor.

## 2 Análise de 501 grandes escritores

Entendendo, então, que pelos métodos historiográficos da literatura o papel do cânone contribuiu para divulgar a consistência crítica de algumas listas futuras, e que com a difusão dos materiais impressos, especialmente os livros, a cultura letrada agregou e elegeu como legítimas certas publicações, as listas literárias, no processo de seleção e combinação por meio das representações, apropriações e práticas de leitura pelas quais passaram, foram moldadas a fim de se adequarem a organizações diversas. Uma delas é a que passamos a tratar agora: as listas para o leitor comum, em seu conhecimento não especializado de literatura, que busca indicações de livros para entretenimento ou outra atividade qualquer. Sendo assim, pelo *corpus* que analisamos,

percebemos todos esses processos em *501 grandes escritores*, que, usando curtas biografias, instiga novos leitores.

Julian Patrick, com seu *501 grandes escritores* (2009), já afirma na introdução que o projeto é uma proposta para concentrar as indicações dos livros na figura de um elemento: o autor. Para tanto, o uso de pequenas notas biográficas e o breve resumo dos livros mais representativos foram os recursos mais empregados, ou seja, para o editor é uma junção bio-bibliográfica (PATRICK, 2009, p. 7). A questão numérica, mesmo ainda grande, mostra 501 nomes da literatura cuja diversidade faz o leitor ter uma boa gama de opções sobre o que ler, sobre o que conhecer na literatura e sobre como apreender de modo sucinto a importância desses autores. Além disso, o número um extra na quantidade pode mostrar também a possibilidade de continuidade da lista, de ela estar sempre em função de ser completada. Para a edição brasileira publicada pela editora Sextante, numa proposta para remodelar ou reescrever a divulgação da nossa literatura, foram adicionados mais 24 autores brasileiros num apêndice. Dentre os 501, três já eram citados: Machado de Assis, Jorge Amado e Paulo Coelho. Curiosamente, nessa parte, uma nota ao apêndice diz algumas informações discutíveis: “Toda seleção de livros e de autores é, em grande parte, arbitrária” (PATRICK, 2009, p. 613). Logo em seguida, é explicado que os 24 autores brasileiros foram escolhidos pelo prestígio, pela originalidade e pela influência intelectual, mas, na leitura da lista, identificamos a preferência exclusiva pelos autores modernos e pós-modernos, começando por Euclides da Cunha e terminando em Raduan Nassar (2009, p. 614-633). Se no início de *501 grandes escritores* aparece Homero, um longínquo autor grego encabeçando a lista, por que, no apêndice dos escritores brasileiros, os modernistas e pós-modernistas ganharam mais espaço? Por não encontrarmos esclarecimentos na obra, o fato já nos mostra que toda seleção de livros e de autores nem em grande parte é arbitrária.

Podemos pensar, no entanto, que a questão da arbitrariedade se justifica nesse apêndice e no trabalho de Patrick (2009) pela voz editorial em propor uma seleção muito ampla, o que também justifica uma apresentação breve de autores da literatura para um público leigo, mas, por outro lado, pelas considerações de Carpeaux (2012) ao discorrer que na história da literatura são perceptíveis algumas repetições características da própria formação da literatura, a indicação do cânone ramifica desse modo a escolha também de obras representativas recentes, ou seja, mesmo dando foco apenas aos escritores modernos e pós-modernos no apêndice sobre a literatura brasileira, *501 grandes escritores* ainda expõe o prestígio, a originalidade e a influência desses autores,



assim como o fez com os clássicos homéricos, por exemplo. De outro ângulo, o livro também pode ser visto como uma exposição da autoria como mote de leitura, um produto cultural a ser adquirido. Chartier (2009) problematiza essa questão ao afirmar que a figura autoral rompeu com a liberdade do passado, quando, na transição do medievo para a vida moderna, a produção individual da literatura, da escrita de um livro, delimitou o aspecto de originalidade que tal obra assumiria, dotando seu consumo como expressão de um ego (CHARTIER, 2009, p. 31). Assim, a partir desse ponto, de acordo com Eco (2010), pode-se pensar a constituição de *501 grandes escritores* como uma lista que aproxima biografias com a expectativa do leitor, isto é, o extenso leque de autores listados intenciona atrair um grande público ao mesmo tempo em que este se apropria do livro em busca de afinidades com aqueles que produziram literatura.

Especificamente, então, como entender a presença de três autores brasileiros na parte internacional do livro e como compreender o apêndice com os 24 autores da edição brasileira? O que essa dupla categorização pode dizer para o leitor estrangeiro e brasileiro? Que tipo de literatura brasileira é mostrada e apropriada culturalmente quando se apresenta autores dessa forma? As perguntas nos instigam a entender a margem de noção que um público tem sobre uma literatura. No caso da literatura brasileira no exterior, Machado de Assis aparece como primeiro nome, e é por ele que começamos a reflexão.

Machado ganha apenas um pequeno parágrafo no livro de Patrick (2009). Pela ficha catalográfica da obra, sabemos que muitas equipes foram compostas para dar conta de descrever 501 autores. Robin Elam Musumeci, advogada e mestra em literatura inglesa pelo *Trinity College* em Hartford (Connecticut), ficou responsável por biografar minimamente o autor: Machado é mencionado com um dos maiores romancistas do Brasil, fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1897, que, vindo de uma família pobre e tendo pouca educação formal, aprendeu inglês e francês sozinho. É dito também que sua obra teve início no romantismo, mas, com *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Machado começou uma nova etapa sob influência de Laurence Sterne e Xavier de Maistre, rompendo com convenções literárias de sua época e se valendo da ironia e das críticas sociais para satirizar a burguesia. No lado esquerdo da página dedicada a Machado em *501 grandes escritores*, além de *Memórias póstumas*, são listadas suas principais obras, agrupadas por gênero: *Crisálidas*, *Americanas*, *Iaiá Garcia*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro* e *Histórias da meia-noite* (PATRICK, 2009, p. 200).

Por se tratar de uma lista, o que importa notar no caso de Machado e dos outros autores é o grau de informações essenciais mínimas que vão instigar a leitura: primeiro, dizer que Machado venceu na vida ao sair de uma criação familiar humilde para ser um grande escritor faz recuperar no imaginário do leitor certa progressão social pela literatura, quando se dedicar ao ofício da escrita pode elevar sua presença na sociedade; segundo, mostrar que o autor se resguarda pelos seus pares, como a ABL e os autores irlandês e francês, criando relações de consagração e apreço no meio literário, ajuda a fundar sua produção e faz difundir culturalmente seu trabalho para os leitores de hoje; e terceiro, a exemplificação das obras como um legado de Machado mostra a variedade de gêneros que ele produziu para alcançar um vasto público e enfatiza seu estilo crítico e irônico para refinar o olhar do leitor. Por menores que sejam essas informações em *501 grandes escritores*, esses dados não são neutros na intenção de indicar a leitura de obras e o conhecimento sobre um importante autor.

Jorge Amado, o outro autor dessa lista, recebe maior atenção e maiores detalhes: Janny Doubt, mestra pela Universidade de Sussex, editora em Londres e escritora que aborda o tema do pós-colonialismo em suas obras, descreve o autor baiano de modo mais abrangente em relação às características do Brasil, dizendo que Amado concedeu em suas obras uma duplicidade em relatar a afirmação da masculinidade de seus personagens homens pelo uso da promiscuidade e da feminilidade das personagens mulheres pela fidelidade aos seus companheiros, e cita como exemplo *Gabriela, cravo e canela*. Doubt explica também sobre a censura que o autor brasileiro sofreu em momentos ditatoriais no país por sua postura a favor do comunismo, provocando seu exílio, o que o fez declarar ser mais útil na escrita do que na política. Esses entraves podem ter colocado sua obra em duas fases: a primeira se ligando às lutas de classe, como em *Terras do sem-fim*, e a segunda que discorre sobre a psicologia brasileira pela sensualidade, como é o caso de *Gabriela*. A pesquisadora ainda esclarece que as obras adaptadas de Amado para a TV sofreram forte crítica por reforçar uma representação da mulher do terceiro mundo, e que, mesmo com a indicação ao Nobel de Literatura, o seu legado foi deixar uma outra imagem do país para os leitores do exterior. Na margem direita da página sobre Amado, no livro de Patrick, são citados os romances, além dos que já estão no texto: *O país do carnaval*, *Cacau*, *Mar morto*, *Os pastores da noite*, *Dona Flor e seus dois maridos*, *Tenda dos milagres*, *Tieta do Agreste*, *Farda, fardão*, *camisola de dormir*, *Tocaia grande* e *O compadre de Ogum* (PATRICK, 2009, p. 415).

Podemos ver que houve uma preocupação mais crítica em descrever o autor brasileiro em relação ao que sua obra expõe, ao passo que em Machado não vimos tanta representatividade nacional. Esse ponto coloca a literatura de Amado como algo a ser exportado, ou que foi apropriada fora do Brasil como imagem de nossa nação. Mas é sobretudo positivo divulgar nessa lista que *Gabriela*, por exemplo, também reforça estereótipos já rejeitados pelos leitores e que é ingênuo manter uma leitura restrita às características da personagem. A trajetória de vida do autor e as questões político-estéticas de sua obra parecem acompanhar as críticas que recebe e que faz, mostrando que Doubt teve a intenção de não deixar o leitor alienado em só observar o Brasil nos livros apresentados. Isso pode justificar a menção a obras até pouco conhecidas pelo leitor brasileiro, como é o caso de *Os pastores da noite* e *O compadre de Ogum*.

O último autor da parte internacional de *501 grandes escritores* é Paulo Coelho – seria um contrassenso sua inserção nesse trabalho? – e, para relativizar as discussões, é interessante vermos o que pode ser apresentado: Melanie Kramers, formada em inglês e francês e ex-editora, escreve a pequena biografia do autor. O tema da espiritualidade é mote de sua produção escrita desde o início de sua carreira, tomando como impulso criativo a satisfação pessoal e o misticismo. Kramers explica que Coelho se encaminhou em muitas alternativas de vivências sociais desde o estilo *hippie* até peregrinações em locais sagrados no mundo. A amizade com Raul Seixas (cantor e compositor considerado o pai do *rock* brasileiro que elaborou canções em parceria com Paulo Coelho) e suas constantes subversões fizeram com que o autor fosse perseguido na ditadura militar. E já no fim desse período ele publica *O diário de um mago*, mostrando a busca pela simplicidade do cotidiano. Sua fama internacional, por outro lado, veio com *O alquimista* nos anos seguintes, em que houve uma forte comoção dos leitores. Kramers finaliza seu pequeno texto dizendo que o ingresso na ABL fez Paulo Coelho ser muito criticado por sua obra ser mal escrita e ter mais proximidade com a autoajuda do que com a literatura. Porém, a pesquisadora concorda que o lado popular do autor merece ser reconhecido e que o seu pensamento sobre orientações, meditações e jornadas espirituais pode ser valorizado. Ao lado esquerdo da página de Coelho em *501 grandes escritores*, podem ser vistas mais obras do autor, além dos dois títulos já citados: *O dom supremo*, *As Valkírias*, *Brida*, *Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei*, *O monte Cinco*, *Veronika decide morrer*, *O demônio da Srta. Prym*, *Onze minutos*, *A bruxa de Portbello*, *Manual do guerreiro da luz* e *Ser como o rio que flui* (PATRICK, 2009, p. 601).

É visível uma completa insatisfação no Brasil por parte dos especialistas em literatura ver o nome de Paulo Coelho dando manutenção à imagem da literatura brasileira no exterior, isso porque, como a própria Kramers avisa, esse autor não produz uma literatura como a esperada em Machado de Assis ou Jorge Amado, se podemos fazer uma comparação, mas se vale de soluções óbvias e reflexões superficiais para cativar os leitores. Esse último ponto nos indica duas situações: Coelho subestima seu público ao publicar livros com escrita previsível e, em contrapartida, faz esse mesmo público se manter fiel quando divulga textos que esses leitores já esperam, ou seja, obras que giram sobre os mesmos eixos de fácil digestão: a espiritualidade e o misticismo. Um lado pertinente da divulgação de Paulo Coelho feita por Melanie Kramers é essa polêmica e esse problema serem apontados, mostrando para o leitor que, apesar de ele poder apreciar esse autor por alguns motivos, ele pode deixar de lê-lo por outros.

Finalmente, chegamos ao apêndice colocado no final de *501 grandes escritores* na edição brasileira com os 24 autores que mencionamos. O conjunto é organizado por José Castello, famoso jornalista e crítico literário que se mantém próximo de eventos e de autores importantes da literatura brasileira contemporânea. De modo geral, como dissemos, a lista privilegia escritores modernistas e pós-modernistas, começando com *Os sertões*, de Euclides da Cunha, e terminando com *Menina a caminho*, de Raduan Nassar. Castello é bem sucinto e objetivo nas apresentações, porém se vale de um tom mais lírico em sua escrita para dizer sobre a nossa literatura do que as pesquisadoras estrangeiras da parte internacional da obra, o que, obviamente, indica a proposta da editora em convidar um especialista brasileiro para incrementar a parte de literatura brasileira na versão nacional do livro. Mas, mesmo assim, algumas ideias nos textos de Castello são regulares: há pouca exposição do crítico em dizer sobre a importância dos autores brasileiros, isso parece ficar implícito nas pequenas biografias, fazendo com que o leitor perceba esse fato por meio do nome do autor, sendo todos muito conhecidos; os parágrafos especificamente biográficos ficam no início e no final de cada texto, deixando no meio a apresentação de algumas obras e seus valores estéticos. A principal característica evidenciada por Castello é a condição humana nas obras dos autores apresentados para explicar sobre a literatura regionalista, social, urbana ou psicológica, o que indica uma produção baseada na alteridade e na objetividade estética. Certamente, em cada caso, isso se torna discutível, mas no conjunto de apresentações de Castello esse ponto parece ser o mais chamativo.

Em síntese, a análise do *corpus* mostra que os elementos característicos da obra, na exposição de suas representatividades, como comentamos, elucidam a rede de conexões da literatura pelo uso das listas (ECO, 2010): a difusão dos objetos a serem apropriados e consumidos em *501 grandes escritores* ocorre por meio da imagem do autor, que já recebe destaque por ser qualificado como grande, no título da obra em questão. A recomendação reforça tais ações, uma vez que a seleção e a reunião de exemplos faz o leitor ter conhecimento de uma amostra da produção autoral, bem como de sua obra original (CARPEAUX, 2012). O livro, portanto, resume e exemplifica as conexões mencionadas que se materializam em forma de lista: o leitor brasileiro, mas especialmente o estrangeiro, entende ainda que nossa literatura é pequena se colocarmos num mesmo plano os 27 autores mencionados (três na parte internacional e 24 na parte nacional) com os outros 498 – com maioria de língua inglesa, no caso, refletindo obviamente o local de produção da obra.

Percebemos, portanto, como esse material, sendo produto cultural e objeto impresso disponibilizado para orientar leituras e divulgar literaturas para apreciadores leigos, inscreve e recria representações de *livro* e de *autor* (CHARTIER, 2009) que podem estar vinculadas a uma tradição canônica de prestígio que merece ser apropriada e perpetuada pelo valor e apreço estético-sociais, ou a uma tradição de consumo do livro como importante objeto de informação no pensamento de Carpeaux (2012) – com exceção, é claro, da crítica a Paulo Coelho, como comentamos. Assim, no contexto dessas escolhas, especificamente das seleções literárias que foram analisadas sobre a literatura brasileira, é importante dizer que novas listas podem surgir quando a apropriação e a leitura de tais materiais forem feitas por esses leitores.

### **Considerações finais**

As listas literárias assim pensadas no entremeio da história da literatura e da história do livro e da leitura atualizam, por exemplo, os recortes do cânone e o consumo dos livros: processos historicamente motivados pela difusão do conhecimento literário. Nesse sentido, seria presunçoso concluir que há um círculo vicioso, em que falar de listas criaria mais listas, ou que há uma lista maior e melhor dentre todas no contexto de indicações como *501 grandes escritores*. No entanto, enxergamos que existe alguma polinização ou ramificação da literatura quando um grupo de livros, autores ou textos são indicados e recomendados para uma apreciação estética ou formação de leitura.

Enfim, ter como meta nesse artigo o estudo de listas literárias e suas formas de operacionalização em indicar, recomendar e sugerir textos, autores e livros na análise de *501 grandes escritores* nos condiciona a deslocar o olhar de obras comuns na literatura (com uma única voz autoral encerrada num objeto impresso) para aquelas que reúnem pontos de vista variados sobre múltiplas incursões na literatura: listas, catálogos e antologias, instrumentos bastante maleáveis na esfera da difusão literária.

## REFERÊNCIAS

- BOXALL, P. (Ed.). *1001 livros para ler antes de morrer*. Trad. Ivo Korytowski, Marcelo Mendes e Paulo Polzonoff. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.
- CANTON, J. (Org.). *O livro da literatura*. Trad. Camile Mendrot. São Paulo: Globo, 2016.
- CARPEAUX, O. M. *História da literatura ocidental*. São Paulo: LeYa, 2012.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo Carmello Correa de Moraes. São Paulo: Unesp, 2009.
- ECO, U. *A vertigem das listas*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- PATRICK, J. (Ed.). *501 grandes escritores*. Trad. Livia Almeida e Pedro Jorgensen Junior. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.
- USHER, S. (Org.). *Listas extraordinárias*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

*Data de submissão: 28/06/2017*

*Data de aprovação: 14/07/2017*